

SARAMAGO E OS CONTEMPORÂNEOS

Jornada de Leitura Crítica

Livro de resumos

18 de novembro de 2022

**Departamento de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro**



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

dlc

departamento de línguas e culturas

cllc

centro de línguas, literaturas e culturas

FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Conferência de abertura

A equação literária e política de *Ensaio sobre a lucidez*

Manuel Frias Martins (FLUL/APCL)

Ensaio Sobre a Cegueira trouxe-nos a terrível representação do mal em nós, como que nos gritando a verdade de que a malignidade congénita do homem nunca nos permitirá almejar uma felicidade sem mácula. *Ensaio Sobre a Lucidez* segreda-nos, no entanto, que é possível acreditar que algures no caminho da tragédia humana existe a possibilidade de revelação individual e coletiva de uma transformação moral. Uma transformação que, entre outros desideratos cívicos, repudie todas as formas de autoritarismo, incluindo aquele que está instalado numa democracia doente ou em vias de se voltar contra si mesma. É neste sentido que, em *Ensaio Sobre a Lucidez*, a maioria esmagadora dos votantes em branco representa o sinal profético de uma denúncia moral que não pode deixar de ter consequências políticas.

Painel 1

Saramago e as distopias

Carlos Nogueira (Cátedra José Saramago – Univ. Vigo)

O Ano de 1993, publicado em 1975 e, em segunda edição, com ilustrações de Graça Morais, em 1987, é um livro essencial para percebermos o percurso de Saramago como escritor, o seu envolvimento na vida política portuguesa, a sua visão e o seu imaginário interartísticos e a sua noção de mal. Escrita como reação desesperada ao fracasso da ação militar de 16 de março de 1974, esta é uma obra (maior, mas das menos reeditadas de Saramago) que merece mais leitores do que os que tem tido. Apesar das (poucas) receções críticas que se lhe dedicaram na altura da sua publicação e de algumas abordagens mais recentes, continua a ser, proporcionalmente à sua qualidade, um texto pouco estudado e pouco lido.

Acrescento algumas linhas de leitura àquelas que têm sido propostas. Argumento: para o já bem menos idealista Saramago de 1975 a 1978 (com quase 53 anos de vida cumpridos, em fevereiro de 1975, quando publicou *O Ano de 1993*), não basta perceber que as instituições sociais, como proclamava Robespierre, são viciosas e contaminam o ser humano, nascido bom (Rousseau); há que olhar para a natureza humana com suspeição e há que saber como reformar as instituições, porque o bem e o mal não estão, por si só e deterministicamente, nem no povo, nem nas elites que governam, nem em cada um de nós. Argumento ainda que a originalidade de *O Ano de 1993* está na articulação (que eu diria perfeita) entre a forma e os conteúdos: uma estrutura e uma linguagem inusitadas, num autor que nos livros anteriores adotava um registo clássico, sem dúvida pessoal mas não ímpar, acolhem temas universais (a violência e a crueldade extremas, a morte, a força da vida, o amor e o ódio, o bem e o mal...) e um imaginário em que, direta ou indiretamente, entram nomes como H. G. Wells, Kafka, J. R. R. Tolkien, Aldous Huxley ou George Orwell.

“No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho”: a História entre José Saramago e Ana Margarida de Carvalho

Mónica Figueiredo (UFRJ/CNPQ/ILCML)

A presente proposta de comunicação pretende percorrer a produção narrativa de José Saramago, na tentativa de estabelecer um diálogo com o romance de Ana Margarida de Carvalho, escritora que, assumidamente, tem pela obra saramaguiana um misto de admiração e de respeito.

Partindo do que aqui chamo de “sedução do enredo”, creio ser possível aproximar a obra de dois autores que igualmente usaram e abusaram da ficcionalização de um discurso marcado por *simulada* oralidade; privilegiaram a concepção de personagens emblemáticos, capazes de problematizar o caráter de heroicidade na contemporaneidade; atentaram para a necessária valorização e “intertextualização” da tradição literária; abriram espaço para vozes narrativas assinaladas por uma singular “dicção”; e, principalmente, descobriram no tecido histórico um motivo precipitador para a criação de discursos estéticos personalíssimos.

Como uma pedra no meio do caminho, é a relação da Literatura com a História mantida pelo trabalho ficcional de dois grandes escritores aquilo que esta comunicação pretende perseguir.

A história contada pela Literatura. *Natureza Morta*, de Paulo J. Miranda e o emendar do autor

José Vieira (Univ. Pádua/CLEPUL)

O nosso texto tem como propósito analisar o romance *Natureza Morta*, de Paulo J. Miranda, primeiro vencedor do Prémio José Saramago em 1999. Partindo da estadia de João Domingos Bomtempo em Portugal durante 1816-1818, correspondente aos anos do consulado de Beresford e à condenação

de Gomes Freire de Andrade, Paulo J. Miranda conta-nos a história da criação e construção do *Requiem* que ficará posteriormente conhecido como “À memória de Camões”. Não havendo registo sobre o que efetivamente aconteceu durante essa estada em Portugal, o autor utiliza a literatura como forma de preencher os espaços vazios deixados pela história, recuperando assim a estratégia utilizada por Saramago em várias das suas obras, estratégia essa que segue a lógica post-modernista da desconstrução das narrativas e da apresentação de uma outra versão dos factos, desta feita, a partir do texto literário.

Painel 2

***A viagem do Elefante* ou quando Saramago colocou a sua escrita no divã**

Adriana Martins (UCP/CECC)

A viagem é um tema que atravessa a produção saramaguiana nos seus vários ciclos, tendo assumido um leque de sentidos através de refinados exercícios de inter- e intratextualidade. A viagem é, pois, um elemento central na tessitura narrativa de Saramago, tal como Maria Alzira Seixo (1997, 1998, 2000) largamente demonstrou. Esta comunicação discute *Viagem a Portugal* (1981) e *A Viagem do Elefante* (2008) a partir de uma perspetiva comparada para examinar como Saramago, ao pôr os dois textos em diálogo, num complexo exercício de intertextualidade, coloca a sua escrita e as suas posições sociais, éticas e políticas no divã no romance publicado em 2008.

Literatura e paisagem: viagem cultural e turística

Cândido Oliveira Martins (UCP/CEFH)

A hegemonia do género romanesco na obra de José Saramago não deve obscurecer apressadamente outras formas de escrita, desde a crónica à literatura de viagem. Com efeito, *Viagem a Portugal* (1ª ed., 1981) singulariza-se no domínio da literatura de viagens de rica tradição nacional, enquanto entrelaça autorrelato de viagem e horizonte cultural. Com esta obra, o escritor propõe-nos uma ampla deambulação cultural à escala do país, mas afastando-se conscientemente de modelos e convenções precedentes.

Nesta escrita saramaguiana, o singular ofício de viajante propõe-nos uma plural poética da viagem, de índole literária, artística e cultural, num itinerário turístico que se vai tecendo de impressões e de histórias, de humor e de crítica, de subjetividade e de afeto por uma paisagem múltipla, no espaço e

no tempo. Vagabundear livremente por Portugal constitui, na pena deste viajante curioso e implicado, uma forma exemplar de pensar Portugal, o seu território e História multisseculares, à luz das perspetivas críticas dos estudos sobre Paisagem e sobre Turismo cultural.

Claraboias musicais e pictóricas: a éfrase em Saramago

Maria João Simões (FLUC)

A presença de outras artes nas obras de José Saramago surge logo em 1977, na obra *Manual de Pintura e Caligrafia*, como o próprio título indica. A éfrase emerge reiteradamente nesta obra, mas Saramago acrescenta uma grande inventividade narrativa e ficcional às descrições de obras de arte. Este processo pode ser reencontrado, numa elaboração diferente e mais complexa, no diálogo com a música presente na obra *As Intermitências da Morte*. Neste sentido, este estudo tem como objetivo observar e analisar o modo como Saramago aciona este recurso estilístico-compositivo e como a sua utilização se complexifica e diferencia nas duas obras referidas.

***Adivinhar o passado* no discurso político do texto literário: novas perspetivas de entendimento das transições de regime nas narrativas de Ondjaki e Saramago**

Ana Cláudia Henriques (FCSH-UNL)

Partindo da ideia de que a Literatura não é apenas um produto resultante da sociedade, mas sim uma força produtiva capaz de contribuir para a sua dinâmica cultural, pretendemos estudar as mensagens políticas subjacentes às obras de Saramago e Ondjaki, com intuito de entender de que forma os autores contribuem para a formação de uma consciência coletiva emancipadora dos povos.

Sabemos que Ondjaki foi galardoado com o prémio Saramago, sendo, por isso, considerado seu herdeiro. É, de facto, inegável a continuação, por parte de Ondjaki, da criação de um espaço romanesco capaz de integrar grupos minoritários excluídos da História. Ora, partindo desta premissa, e seguindo a proposta de Giddens (1991, 2002), buscaremos entender a noção de modernidade, especialmente *modernidade tardia*, a partir da qual serão estudadas as diversas narrativas de *Os Transparentes*, como um romance que retrata um país de contrastes numa transição entre o tradicional e o moderno. A partir da análise das personagens simples que, no decorrer da história, relembram os velhos tempos e planeiam o futuro de uma Angola a caminho da modernização, levantamos a hipótese de que, tal como Saramago, também Ondjaki passa por um processo constante de reescrita do passado, a partir de problemas do presente.

Assim, numa espécie de busca por pistas indiciárias que tem por base a análise literária, propomo-nos *adivinhar um novo passado*, capaz de dar conta de outras narrativas que nos possibilitem um entendimento mais profundo da História colonial de Angola e da relação de Portugal com essa História.

Além disso, procuramos entender de que forma a tradição do oral, em semelhança com a oratura de Saramago, permite a relativização de critérios estéticos impostos pelo gosto dominante, reivindicando parâmetros alternativos que facilitem a descolonização do imaginário. Desta forma, perguntamo-nos se haverá na obra de Ondjaki novas possibilidades artísticas que inovem a alteridade como conceito-chave na crítica cultural e que sejam capazes de consolidar a sua obra como essencial numa fase histórica marcada por gestos descolonizadores. Será a literatura de Ondjaki um novo grito emancipador que levante os povos do chão?

Conferência de encerramento

O poder sinuoso das mulheres (de Blimunda a Lillias Fraser)

Maria de Fátima Marinho (FLUP)

A secundarização da mulher através da História já tem sido referida e estudada por variadíssimos autores e a dificuldade que ela teve em sair da sombra legítima que, sobretudo, a partir do século XX, encontremos muitos textos onde se procura um protagonismo até então impensável. Saramago não tem um grande número de personagens femininas com um protagonismo assinalável; regra geral, elas assumem papéis importantes, mas são subsidiárias em relação aos seus parceiros masculinos. Não há personagens femininas carismáticas na maior parte dos seus romances. Há, porém, uma exceção de peso: Blimunda. Essa figura, na senda de personagens criadas pelo realismo mágico sul-americano, torna-se um símbolo, acabando por ilusoriamente assumir vida própria e contracenar com personagens de outros romances e autores. Refiro-me a Lillias Fraser, protagonista do romance homónimo, de Hélia Correia, que herdará algumas das suas valências. A condição das mulheres, significada, mesmo se indireta e secretamente, nos dois romances analisados acaba por ser transgredida e subvertida nesses mesmos romances ao atribuir a duas personagens femininas poderes que destroem um quotidiano adverso e ajudam a construir um espaço sem correspondência sensível, mas cuja existência depende da vontade e da capacidade antecipadora da morte.